

Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas apresentam:



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

*Figuras
da
Dança*

DUDUDE HERRMANN

Dudude Herrmann

por Cassia Navas

Numa peça didática radiofônica, de Bertolt Brecht (1898-1956) e Elisabeth Hauptmann (1897-1973) “O Voo sobre o Oceano” (1927), encontramos personagens, ou figuras dramáticas, que se colocam em relação: o aviador, o avião e a tempestade que fustiga este voo, em texto também considerado uma das metáforas da primeira travessia aérea entre a Europa e a América do Norte.

Algumas análises foram feitas sobre este texto dramaturgico, e elas aqui não serão nosso ponto de partida. Muito diretamente o que ora se propõe, logo de início, é uma comparação destas três figuras com a trajetória de Dudude ao longo de sua longa carreira de artista, em suas múltiplas funções de bailarina, coreógrafa, improvisadora, produtora, escritora, empreendedora, entrevistadora etc.

Esta comparação poderia dizer respeito a alguns de outros procedimentos de criação coreográfica dos tempos atuais e passados, mas aqui pode ser de grande valia para pensarmos a trajetória de Dudude como uma das atuais grandes mestras da improvisação em dança.

A partir de muitas de suas entrevistas, livros por ela escritos ou/e editados, textos e pesquisas a seu respeito, espetáculos e aulas assistidos, poderíamos relacionar o avião às técnicas que ela aciona, a partir de toda uma vida em arte, para entrar, como uma aviadora, em muitas das tempestades da improvisação.

<< [capa] Trabalho Maria de Lourdes em Triade 2004. (foto: Guto Muniz)

< A Projetista. (foto: Guto Muniz)





Na peça de Brechet/Hauptmann, o aviador alerta, de forma muito direta, o “avião”, transformado em personagem, de que a tempestade não seria um assunto dele. O assunto da aeronave seria o de fazer girar o seu motor sem tréguas. Quem deveria enfrentar a tempestade, toureando neve, chuva, escuridão e ventos seria ele, o aviador.

No parágrafo anterior se perfaz uma grande imagem da improvisação, campo dentro do qual Dudude atua, ensina e escreve, apontando, por meio de textos muito poéticos, concomitantemente para o passado e o futuro da sua dança, e por conseguinte, para o passado e futuro de nossa dança.

A esta imagem, formada basicamente por três elementos: avião, aviadora e tempestade se retornarão mais abaixo, mas através dela opta-se por iniciar-se este texto sobre Dudude. Motivo? Grande parte de sua trajetória está imersa e emerge no/do campo do improvisar, mesmo em tempos bem iniciais de sua atuação, quando a palavra improvisação não era reconhecida enquanto um conjunto de dispositivos de formação, criação e difusão das artes da cena, da dança e de outras artes.

Em entrevista dada a Marcilio de Souza Vieira, a criadora refere-se a suas primeiras ações do que hoje chamamos de improvisar como uma experiência do brincar, movimentos que incorporam uma dimensão lúdica: seu corpo a jogar com seu corpo e, este com o espaço, árvores, sons.

Aponta-se para uma característica que aproxima seu trabalho do lúdico, em que situações limite de desequilíbrio, perigo e impermanência são traços presentes, como no exemplo acima: um voo que perfura a tempestade.

< Performance O Andarilho. (foto: Napoleão)

Primeira possível formação de um grupo. (foto: Acervo Pessoal) >>



< Dudude, Sonia Camarão, Cecília Shaick, Eduardo Machado, Lena Lucas e Pedro Prates



No lúdico, temos, simbólica e fisicamente, a presença fundamental do inventar, que nos proporciona prazer e brilho nos olhos, entretanto, também tremor e medo. Medo e prazer pelo desconhecido, pelo ainda não revelado, pela hipótese ainda sem resposta, por um caminho que se faz ao caminhar.

Nas artes da cena atuais, este “caminho que se faz ao caminhar” encontra-se em obras que emergentemente se constroem enquanto “composições em tempo real”, como por vezes são nomeadas algumas peças improvisadas frente às plateias.

Nascida Maria de Lourdes Arruda Tavares, depois de casada tendo por nome Maria de Lourdes Tavares Herrmann, após o casamento Dudude Herrmann e depois de um tempo assinando nome e sobrenome somente por Dudude, nossa mestra-improvisadora mineira nos pede escuta, atenção e paciência para conhecer sua trajetória de 54 anos de muita arte, estética e ética.

Formação de base

Em 1º de outubro de 1958, nascida em Muriaé, na mineira Zona da Mata, Dudude, é a segunda filha de Aurea Celeste Arruda Tavares e Hunyade Bernardino Tavares. Em 1963, seus pais e seus irmãos (somando uma prole de cinco filhos: Fernanda, Dudude, Mônica, Carla, Paulo nascido em Belo Horizonte) mudam-se para Belo Horizonte, por conta da transferência do local de trabalho de Hunyade, bancário repatriado à sua cidade natal.



A Projetista - ensaio. (foto: Guto Muniz) >



Com isto, aos cinco anos de idade Dudude já está na capital do estado de Minas Gerais, onde até hoje reside, dividindo-se entre esta cidade e o povoado de Casa Branca, do município de Brumadinho, no qual há 14 anos mantém um estúdio-laboratório de formação/criação em dança em meio à natureza local. Um estúdio que é ventre de suas descobertas, mas também espaço-parteiro de ideias originais para aqueles que por ali passam, povos da dança de dentro e fora do Brasil.

Graduando-se no Ensino Médio do Colégio Promove Savassi (1977), em 1970, Dudude começa seus estudos em dança e o faz dentro duma tradição da modernidade, tendo como grande mestra-pesquisadora a professora, coreógrafa, diretora de escola/ grupo de dança - e, portanto, empreendedora cultural Marilene Martins também carinhosamente conhecida pelo seu apelido, Nena.

De 1970 a 1978, Dudude se forma no Trans-Forma Centro de Dança Contemporânea, dirigido por Marilene, também tendo sido sua aluna, de 1975 a 1978, no Curso Profissionalizante de Dança Contemporânea.

Gerindo sua escola como um entretecer de trajetórias cênicas de seu tempo, Martins consolidou seu centro como uma encruzilhada para muitas das trajetórias de artistas do campo. Por conseguinte, neste período, Dudude também teve como professores Klauss Vianna (1928-1992), Angel Vianna (1928-2024), Graciela Figueroa (1944), Freddy Romero (1939-2006), Bettina Bellomo, Mercedes Batista (1921-2014), Denilto Gomes (1953-1994), Carmen Paternostro (1948), Ivaldo Bertazzo (1949), Ilo Krugli (1930-2019) e muitos que pelo Trans-Forma passavam a convite de Nena.

< Dudude e Renato Mota - Trabalho Um solo para uma dança e um violão.
(foto: Acervo pessoal)

< Trabalho Às voltas com o dançar. (foto: Paulo Lima)

Quando aos 10 anos, Dudude começa a estudar com Marilene Martins, é conduzida pela mãe, Aurea, que chega até esta mestra, através das irmãs de Nena. Delas, tinha sido colega na Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte, onde estudara música e canto. Desde o primeiro ano de estudos na Escola Trans-Forma, a menina atuaria nas coreografias de Marilene Martins e de outros professores do centro, numa enfiada de obras que vão de 1971 a 1983, algumas delas apresentadas nos fundamentais e longevos Festivais de Inverno da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Anos mais tarde, Dudude se tornaria coordenadora da área de dança, nas edições deste evento que se estendem de 1986 a 1997, com exceção daquelas ocorridas em 1989 e 1990.

Ensinar- aprendendo: Inventar

Em 1974, aos 16 anos, Dudude torna-se professora da escola de Marilene Martins. Antes disto, aos 14 anos, recebera uma proposta de Nena: a de ser sua assistente, nos ciclos básico e profissionalizante da escola. Esta função, segundo Dudude, era mais do que eventualmente substituir Marilene em suas aulas, significava assistir a todas as classes de Nena, quando não estivesse delas fazendo parte. Ou seja, tratava-se de muito participar, mas também de muito observar.

Após este período de “assistência” à Marilena, foram atribuídas aulas para a jovem pupila, a mestra não ficando muito distante desta sua atuação. Ela permaneceria presente em quase todas as aulas iniciais ministradas pela jovem Dudude. Quando, por fim, interrogada pela assistente Dudude se poderia inventar, Nena respondeu que ela poderia fazer o que quisesse. Depois do participar e observar, tratava-se de transformar, a partir da invenção, um conselho

que Dudude tem seguido ao longo de sua trajetória, transformando arte e dança.

Mediante um conselho sintetizado em poucas palavras - ‘você pode fazer o que quiser’, Marilene atribui grande liberdade à sua discípula. Uma liberdade provavelmente fundada (1) no conhecimento de suas bases – seus conhecimentos técnicos de corpo, tempo e espaço – alguns deles por ela mesma transmitidos, (2) na consciência de sua coragem de inventar / brincar e (3) em sua ousadia face ao medo da improvisação/tempestade, que se deve enfrentar, mas da qual podemos recuar, respirando no vazio dos entretempos, base da fronteira entre o conhecido e o desconhecido, também território primeiro da improvisação.

De 1974 a 1984, Dudude atua como professora no Centro Trans-Forma, iniciando, ministrando, a partir de 1983, cursos de dança contemporânea em várias escolas e companhias de Belo Horizonte, como no Studio Anna Pavlova, Primeiro Ato Escola de Dança, Companhia de Dança do Palácio das Artes, Cefart-Centro de Formação Artística e Tecnológica (FUNDAÇÃO CLOVIS SALGADO), Primeiro Ato Grupo de Dança, Camaleão Cia. de Dança, Meia Ponta Cia. de Dança e no Corpo Escola de Dança.

Criação em fluxo

Sua atuação como professora estende-se ao longo dos anos e até hoje, por várias outras cidades do país, e de fora dele, como em João Pessoa (PARAÍBA), quando no I FENART- Festival Nacional de Artes (FUNESC - FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL), num mês de janeiro de 1994. Neste evento, esta autora conhece Dudude, observando



< Dudude e Frederico Herrmann na Galeria Olido 2008.
(Foto: Acervo Pessoal)

- desde a porta de uma sala de dança - uma parte de sua maneira de ensinar. Não conversaram naquele momento, somente depois (e intensamente) ao participarem no mesmo FENART, da comissão que discutia todos os dias, ao longo do período matutino, as obras apresentadas na noite anterior.

Neste primeiro contato com Dudude professora, enquanto ela conduzia um grupo grande de alunas e alunos em aquecimento singular, sobre a partitura musical duma canção dos “Beatles” (BANDA DE ROCK INGLESA, EM ATIVIDADE CONSTANTE ENTRE 1960-70), percebi que as pessoas aqueciam-se dançando. É dizer: seguiam com precisão as propostas da professora - suas dinâmicas para aquecimento das articulações corporais. Todavia, deslocavam-se pelo espaço como numa festa cênica, lugar de improvisação, frente a si e aos colegas. E isto não acontecia somente por conta da trilha sonora da aula. Havia uma quase-dança no aquecimento, movimentos que apontavam para uma coreografia, semelhantemente a algumas aulas do mineiro mestre Klauss Vianna (1928-1992) e da húngaro-paulista Maria Duschenes (1922-2014).

Ao acompanharmos a trajetória de Dudude como professora e mestra até os dias de hoje, desdobrando-se em aulas, workshops, coreografias, produção e curadoria de eventos, como os Ciclos de Confluências de Fresta e de Imagem (2006 e 2009), performances e livros, presente está a dinâmica da celebração, enquanto tempo fora do tempo comum, um sempre encontro fora do tempo cotidiano, exterior ao todo dia a mesma coisa.

Está posta a improvisação, como “composição em tempo real”, para quem dança e assiste, para quem ensina e aprende, suas contínuas propostas de análise e síntese de movimento, seguindo em fluxo permanente, que seria interrompido, algumas vezes, somente pelo horário de término de uma aula ou performance.

A partir desta estrutura original, Dudude foi elaborando um modo de formação e criação, no qual o improvisar é forma de ação preponderante, podendo ser instrumento de invenção/estudo ou criação em si, quando apresentada frente ao público.

Enquanto instrumento de criação, suas ações puderam conduzir a espetáculos de dança para várias companhias, como para o Balé do Teatro Castro Alves (SALVADOR), Cia. 2 do Balé da Cidade de São Paulo, Companhia de Dança do Palácio das Artes (MG), Meia Ponta Cia. de Dança (MG), Primeiro Ato Grupo de Dança (MG), SESC Companhia de Dança (MG) e, muito precocemente no Trans-Forma Grupo Experimental de Dança.

Nestes trabalhos, Dudude lançou mão da improvisação como processo, mas não somente, tendo articulado seus dispositivos a toda uma cultura coreográfica contemporânea que embasa seu labor, também advinda da parceria com colaboradores de longa data, do teatro, da música e da performance dentre eles Marco Paulo Rolla, Frederico Herrmann, Cristiane Paoli Quito, Izabel Tica Lemos, Izabel Stewart, Heloisa Domingues, Thais Moll, Marcelo Kraiser entre muitos outros.

Improvisação, um campo de muitas histórias

Sua trajetória de improvisadora coloca Dudude no centro da improvisação contemporânea, um conjunto complexo de regras, estratégias, táticas, preceitos e conceitos de treinamento e criação em dança, que nucleia sistemas planejados e testados em vários locais do mundo, precursora e notadamente entre criadores novai-iorquinos da década de 1960. Década fértil da contracultura, ao longo



Dudude e Renato Motha



Dudude e Frederico Herrmann

dos 1960s, estes processos recolocam o corpo e seus movimentos no centro do protagonismo de uma arte que se investiga a si mesma, revelando-se enquanto processo para além de um produto.

São tempos da contracultura, tempos do pós-moderno em dança, rapidamente abrigado no imenso guarda-chuva da dança contemporânea. Neles, instauram-se buscas pelo inesperado, mesmo que este surgisse do conhecido, como um revisitar-se daquilo já sabido mediante experiências inaugurais: a dança de um/a em relação ao outro/a, a dança de si em relação à estrutura da dança (TEMPO, ESPAÇO E CORPO), a dança em relação aos contextos de uma sociedade girando seus eixos em direção às utopias hippies, sensoriais, ecológicas e do “proibido proibir”.

Neste contexto, não se demandava a imitação, o uníssono de movimentos entre intérpretes em grupo, mas criações que estabelecessem a invenção, enfrentando-se o desafio da criação de dinâmicas semelhantes, mas não miméticas entre si, a partir de fluxos de movimentos de cada trajetória de interpretação. Seguiam-se sistemas metodológicos em busca do diferente, do outro, mediante procedimentos que conduzissem a alteridades, no plural.

Dudude estabelece no Brasil de Belo Horizonte, a partir do “inventar”, baseado na liberdade que lhe atribui Marilene Martins, ao lhe dizer “faça o quiser” -, sempre e também a partir de balizas formativas, fruto duma experiência em arte hibridamente contemporânea também constitutiva do Trans-Forma. Neste panorama, a fortuna crítica herdada e reelaborada neste centro artístico é o avião, Dudude é a aviadora, que pode voar como e quando quiser, e a invenção é o enfrentamento da tempestade, se voltarmos à analogia da peça radiofônica de Brechet/Hauptmann, logo no início deste texto referida.

< Trabalho Concerto para Música e dança. (Foto: Francisco Herrmann)

Inventar era o improvisar dos também mestres norte-americanos Steve Paxton (1939-2024) e Lisa Nelson, com os quais Dudude esteve a dançar, como estudante e colega de ofício, quando com eles teve contato, sobretudo na cidade de São Paulo, mais precisamente no Estúdio Nova Dança (1995-2007). Em São Paulo ainda estaria na classe de Tica Lemos, além dos cursos do norte-americano Daniel Lepkoff.

Estes mestres lhe serviram como contexto ou campo especular, é dizer serviram como espelhos nos quais Dudude se mirava, não para a eles se equiparar, mas para melhor conhecer os contornos do que ela já vinha fazendo (e há tempos), os traços de uma sua identidade restando mais identificáveis, o seu conjunto sendo paulatinamente denominado de improvisação, criação em fluxo, performance.

Também lhe serviria como campo especular, uma específica experiência oportunizada, depois de inúmeras premiações, por uma Bolsa Virtuose (2000-2021/MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL). Através desta bolsa, fruto de um convite do criador Josef Nadj para uma residência artística no Centro Coreográfico de Orleans (FRANÇA), Dudude pode se dedicar a estudar/vivenciar/performar experiências europeias. Notadamente na França, onde também teve contado com Pascal Quéneau e, na Holanda Katie Duck, professora-improvisadora norte americana-holandesa que esteve várias vezes com Dudude em seu Atelier de Artista, em Brumadinho.

Estes encontros, longe de modificar totalmente as bases e o fluxo duma trajetória de improvisadora de longa data, intensificam seu modo de fazer artístico, impulsionando uma carreira mais voltada a solos, performances individuais ou a duos, alguns deles até mesmo em parceria com seu filho, o músico Frederico Herrmann (1979).

A criação destes solos iniciam-se na “Benvida Companhia de Dança” (ATÉ 1999 DENOMINADA COMPANHIA DUDUDE HERRMANN), grupo no qual, de 1992 a 2007, atua como diretora, coreógrafa e intérprete, por 15 anos, a Benvida sendo um polo brasileiro de formação e criação em arte. Toda esta ação contínua, num muito trabalhar em vários eixos da arte, lhe valeu, em 2024, o título de Doutora Notório Saber em artes, da Escola de Belas Artes/UFMG, resultado de um longo processo de reconhecimento de sua pesquisa e docência, a partir de proposta do professor Tarcísio dos Santos Ramos (1964), do TUN Teatro Universitário/UFMG, também colega de Dudude no Trans-Forma Grupo Experimental de Dança.

Com mais esta chancela de sua atividade em dança, a produzir mais um duo, esteve Dudude ao longo do presente ano, 2024 junto à Lina Lapertosa, bailarina de longo curso na cena mineira, sobretudo por sua atuação na Companhia de Dança do Palácio das Artes/Fundação Clóvis Salgado (BELO HORIZONTE), Dudude teceu o “Q BRÔ”, uma dança de duas a ser estreado em 2025, no qual se organizam – numa atualidade que aponta futuros-contrastes entre trajetórias em dança feminina no Brasil.

Muito a dizer

Em paralelo ao seu sistema de improvisar, Dudude, começaria a falar e a escrever sobre seu modus operandi, tendo publicado livros e revisas que – entrelaçados - nos revelam muito de uma forma de conhecimento - uma episteme - a nascer de sua constante ação formativa-criativa-estética, sempre a apontar ou refletir sobre temas e conteúdos de seu tempo histórico. Sim, porque Dudude sempre teve muito a dizer.

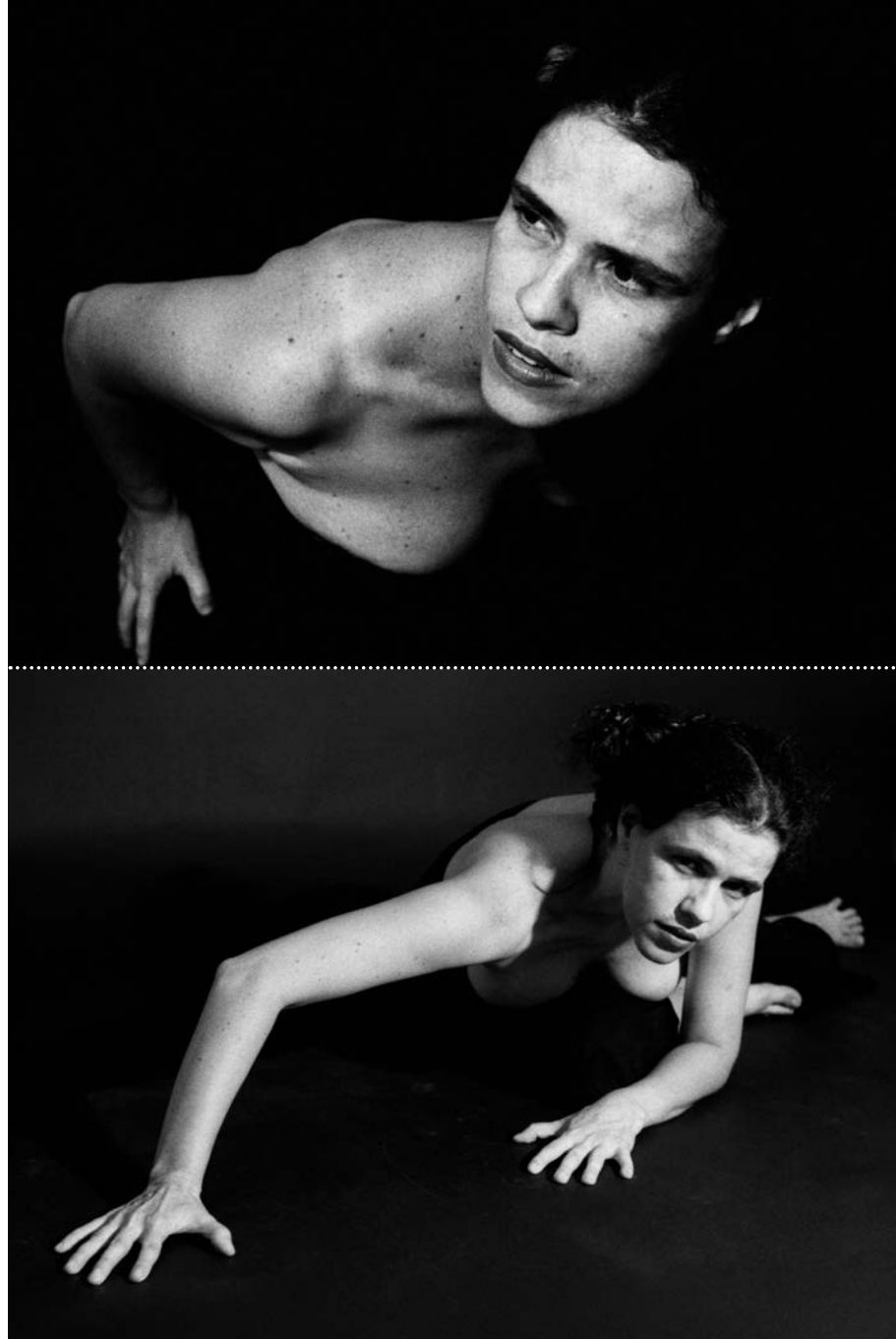
Dizer da vida cotidiana entrelaçada com a vida de um país e do planeta: suas belezas e mazelas, seus amores e dores, tragédias e epifanias, abordando, sobretudo em seus espetáculos-solo mais recentes temas sobre a sustentabilidade por entre os povos originários e povos urbanos, de terras e subsolos, de águas e atmosferas, dos biomas e de sua destruição.

Alguns deles, constituem-se em espécies de cenas-manifestos, a comportar explicitamente textos dramatúrgicos grafados em palavras, como no fundamental “A Projetista” (2011), quando dirigida pela mestra-parceira Cristiane Paoli-Quito, trata de temas ainda presentes por entre as gentes da dança, envolvidas com projetos e mais projetos, na labuta constante de aplicar para os editais nossos de cada dia.

Também seria um solo-manifesto, o “Sublime Travessia”, (2016), no qual Dudude leva à cena de palco italiano uma travessia norte-sul pelas terras do Brasil, a partir de sua percepção encarnada, fruto de neste país ter nascido. Atira também à cena sua preocupação pelos crescentes alarmes em torno da destruição de rios, lagoas, montanhas, florestas e gentes. Há palavras em cena, mas a corporeidade coreográfica se transforma em sutis atravessamentos entre artista e plateias, no intuito de se colocar em relevo o reconhecimento e o pertencimento mútuos, também a partir da trilha sonora original que agrega até mesmo o Hino Nacional Brasileiro.

Muito a dizer. Por fim, esta afirmação também se apresenta fortemente em solo que, diferentemente de “A Projetista” e do “Sublime Travessia”, não se apresenta num espaço cênico em si ou para as artes da cena transformado, como uma galeria de artes visuais.

Ensaio Fotográfico para o trabalho Iphigenia 1996, com direção Adyr Assumpção e coreografia/intérprete Dudude. (Foto: Márcia Charnizon) >



Apresentou-se em fluxo, pelas praças de Belo Horizonte. É o solo “Poética de um Andarilho- A escrita do Movimento no Espaço de Fora”, fruto de uma pesquisa apoiada pelas Bolsas Vitae (2003-2004/ FUNDAÇÃO VITAE, SÃO PAULO).

Um solo-pesquisa, ao mesmo tempo investigação e “criação-coreografia em tempo real”, que, durante 12 meses, levou Dudude andando e criando em locais públicos: ruas e praças de Belo Horizonte. Uma andarilha-artista vestida com macacão, bandeira, boné (e arrastando seu carrinho), parava e improvisava com os elementos de cada lugar: chão, banco, gente, passarinho, árvore, pedra. E tomava notas, muitas notas, grande parte delas, resultando numa publicação bilíngue de sua autoria: o “Caderno de Notações - A Poética do Movimento no Espaço de Fora” (2011).

A relação com a palavra - poesia e texto dramaturgício- está presente, de longa data, na carreira desta bailarina mestra improvisadora, tendo ela trabalhado com teatro, dirigindo e atuando em algumas peças. A palavra se faz presente na cena da dança e a dança se faz presente na cena da palavra no “Maria de Lourdes Em Tríade”, um solo-monólogo (2004/BENVINDA CIA. DE DANÇA), que em seu programa se apresenta como: “A palavra na dança. O movimento no verbo. O cotidiano na poesia da cena”, propondo-se um contínuo vital entre arte e mundo, um dos pilares do campo da improvisação em dança.

Se por este solo-monólogo que, além de tudo, estabelece uma fronteira entre dança e teatro, assim como se fizera em “A Projetista”, Dudude mescla poesia, literatura dramática e movimento dançado, estas linhas mestras indo se potencializar no último livro da artista, lançado em 2019: “Ela sentou na cadeira”.

A este título poderia ser acrescentado uma palavra, o nome completo do livro vindo a ser “Ela Sentou na Cadeira e Escreveu”. Com isto estaria posto na capa de seus exemplares, o fato de a criadora, depois de muito dançar, ter se sentado, para “somente” escrever, ignorando o que já estivera a fazer de há muito, mediante textos proferidos em cena, escritos que apresentavam espetáculos, por seu livro já publicado e sobretudo por suas danças-solo e a dança por ela criada para outros intérpretes.

De toda maneira, tal título é bem adequado para o que o livro nos traz: uma tomada de posição sobre muito do realizado, em escrita que se encarna em palavras poéticas, que assim podem ser denominadas posto “dançarem” página após página. É um livro autobiográfico, no qual também se encadeiam modos de fazer e conhecimentos de uma longa carreira em arte, anunciando-se apontamentos de uma teoria para a dança, num dos sentidos que o substantivo teoria carrega do grego: o ato incessante do observar.

No “Ela Sentou na Cadeira”, as observações de Dudude, entretidas com o relato de seu fazer cotidiano de improvisar, duplamente como método de formação e criação, permitem uma mediação possível do imprevisível “cheio-e-vazio” de cada tempestade nossa que ela escolhe para enfrentar. Sua arte nos chega como mediações em dança a respeito dum mundo em que estamos todas e todas. Um mundo cheio de paixão e fúria, amor e raiva, em extrema polarização, a demandar mais desejo e fome de movimentos que nos conduzam pelas tempestades, a demandar coragem de aviadoras e aviadores para as travessias de oceanos do porvir.

Referências

DUDUDE. Caderno de Notações / A Poética do movimento no espaço de fora. Edição bilíngue português+ inglês Belo Horizonte: Edição da Autora, 2011

DUDUDE. Ciclo de Confluências / Ideias de Imagem. Edição bilíngue: português + espanhol. Belo Horizonte: Edição da Autora, 2012

DUDUDE. Ela sentou na cadeira / DUDUDE. português. Belo Horizonte: Edição da Autora, 2019

Lemos Medrado, R., de Jesus Santos Junqueira, T., & Barbosa de Sá, L. Itinerário da peça O Voo sobre o Oceano, de Bertold Brechet: entre a homenagem e o cancelamento. Revista Inventário, (30),139–151, 2022 Acessado em 24 de abril de 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/49795>

PROGRAMA do solo-monólogo “Maria de Lourdes em Tríade”. Belo Horizonte: Benvinda Cia de Dança, 2004

VIEIRA. M. S. DUDUDE HERRMANN: inventora de improvisações. DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança. PPGDança – UFBA V. 7 – N. 1 – jul/dez. 2022. Acessado em 17 de maio de 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca>

Trabalho Vaga-uma experiência de ocupação criação Dudude e Marco Paulo Rolla 2012. (Foto: Lena Maia) >





< Trabalho Sublime Travessia. (Foto: Adriana Moura)

Dudude Herrmann | Cronologia

1958 - Em 01 de outubro de 1958, em Muriaé (MG), nasce Maria de Lourdes Arruda Tavares, que depois passa a assinar Maria de Lourdes Tavares Herrmann, – por conta do casamento – por fim assinando Dudude Herrmann e, depois de algum tempo, Dudude;

1963 - Filha de Áurea Celeste Arruda Tavares e Hunyade Bernardino Tavares, irmã de Fernanda, Monica, Carla e Paulo, mudou-se com a família para Belo Horizonte, quando seu pai, bancário de profissão foi transferido para uma agência da capital de Minas Gerais;

1970-1978 - Formou-se em dança contemporânea no Trans-Forma Centro de Dança Contemporânea, dirigido por Marilene Martins, em Belo Horizonte;

1974-1984 - Atuou como professora no Trans-Forma Centro de Dança Contemporânea, nos cursos básico e profissional;

1981 - Cria “Escolha Seu Sonho” para o Trans-Forma Grupo Experimental de Dança e “Quanto Tempo faz que Não Dançamos” para o Trans-Forma Centro de Dança Contemporânea;

1963 - Com a irmãs. (foto: Acervo pessoal)

1984 - Primeira possível formação de um grupo acervo artista Pedro Prates, Cecilia Shaick, Sonia Camarão, Dudude e Lelena Lucas (foto: Acervo pessoal)



1983 – Coreografa “Duadança”, para o Trans-Forma Grupo Experimental de Dança;

1983-2024 – Atuou como professora em cursos de dança contemporânea em várias escolas e companhias de Belo Horizonte, como no Studio Anna Pavlova, Primeiro Ato Escola de Dança, Companhia de Dança do Palácio das Artes, CEFART-Centro de Formação Artística e Tecnológica (FUNDAÇÃO CLOVIS SALGADO), Primeiro Ato Grupo de Dança, Camaleão Cia. de Dança, Meia Ponta Cia. de Dança e no Corpo Escola de Dança. Este período inaugura o início de sua intensa atuação como professora e mestra da dança, em muitas cidades do Brasil e algumas no exterior (PARIS, CÓRDOBA/ ARGENTINA E QUITO);

1984 – Cria “De Quem é o Presente”, para o Studio Anna Pavlova e “Espectros”, para a Escola de Dança Primeiro Ato;

1985 – Assina “Diadorim”, para a Companhia de Dança do Palácio das Artes;

1988 – Cria e interpreta “Bing-Universo Beckett”, com Cia. Absurda;

1988 – Coreografa “Uísque com Guaraná”, para o Primeiro Ato Grupo de Dança;

1991 – Cria e dirige “Poética das Nuvens”, para a Meia Ponta Cia. de Dança e “Carne Viva”, para o Primeiro Ato Grupo de Dança;

1991- 2014 – Recebeu diversos prêmios, dentre eles os relativos à aprovação em editais e leis de incentivo como o de Melhor Espetáculo/ Melhor Bailarina/SATED MG, pelo espetáculo “Carne Viva” e Prêmio Funarte/Produção de trabalhos em Dança ambos em 1995. Recebeu, ainda, a Bolsa Virtuose-Ministério da Cultura do Brasil (2001), a Bolsa Vitae de Artes- Pesquisa, pela investigação “A Poética de Um Andarilho: A Escrita do Movimento no Espaço de Fora” (SÃO PAULO, 2002-2004), além do Prêmio Funarte Klaus Vianna, para a produção do solo “Sublime Travessia” (2014); entre outros.

1992 – Cria e interpreta o solo “Ruínas”, além de criar e dirigir “Arrotos & Desejos”, trabalho que inaugura a Companhia Dudude Herrmann;

1992 – 2007 – Diretora-fundadora e professora no Estúdio Dudude Herrmann (EDH), em Belo Horizonte;

1993 – Cria e dirige “Plus” (INTERSECÇÕES BARROCAS EM ANDAMENTO LATINO) para a Companhia Dudude Herrmann;

1988 - Ana Lana Gasteloiis Fernanda Vianna
Espetáculo Bing - Direção Dudude
(foto: Acervo pessoal)

1991 - Cia Dudude Herrmann (1991)
Eugenio Paccelli, Paola Rettore, Ana Lana Gasteloiis,
Arnaldo Alvarenga, Marco Paulo Rolla, Dudude e
Tarcísio Homem (foto: Márcia Charnizon)

1998 - Benvida Cia de Dança (1998) acervo artista
Amália Lima, Diana, Dudude, Mônica Tavares, Fernanda Coffers,
Ana Paula Neves e Joana Carneiro. (foto: Acervo pessoal)

2000 - Benvida Cia de Dança
Espetáculo Barrocando, com Paulo Silva,
Maurício Leonard e Dudude
(foto: Napoleão)



1995 - Cria e interpreta o solo “Iphigênia”, com direção de Adyr D’Assumpção;

1998 - Cria “Brevidade”, para a Meia Ponta Cia. de Dança/Belo Horizonte e coreografa e dança “Um Solo para uma Dança e um Violão”, com o músico Renato Motha, com a Companhia Dudude Herrmann;

1999 - Assina a criação de “O Armário”, para a Benvinda Cia. de Dança, obra que marca a mudança de nome de sua originalmente Companhia Dudude Herrmann;

2000 - Assina “Barrocando”, para a Benvinda Cia. de Dança;

2002 - Criação e dirige “4 Solos para 3 Intérpretes”, para a Benvinda Cia. de Dança e faz a direção e coreografia do solo “Como Água na Areia”, com Thembi Rosa;

2003 - Cria a interpreta o solo-monólogo “Dissertação Sobre Um Nada”;

2003/2004 - Pesquisa, cria e performa o “Poética de Um Andarilho: A Escrita do Movimento no Espaço de Fora”, apoiado pela Bolsas Vitae de Artes/ São Paulo;

2004 - Cria “Cortejo”, para a Cia 2 do Balé da Cidade de São Paulo e atua no solo- monólogo de “Maria de Lourdes Em Tríade”, com a Benvinda Cia. de Dança;

2005 - Cria e dança o solo “Às Voltas Com o Dançar”, com o músico Frederico Herrmann, para a Benvinda Cia. de Dança, além dos solos “Pedaço de Uma Lembrança”, “Um Solo para uma Dança e um Violão”, com o músico Renato Motha e “Como Habitar uma Paisagem Sonora” com o artista plástico Marcelo Kraiser, com a Benvinda Cia. de Dança;

2006 - Foi curadora e idealizadora, do Ciclo de confluências – Ideias de Fresta, com a Benvinda Cia de Dança, em Belo Horizonte;

2006 - Cria e dirige a obra “Na Planície, Logo Montanha, Aparece o Mar...”, com a Benvinda Cia. de Dança;

2007 - Cria a dirige “Sem, Um Colóquio Sobre a Falta”, com a Benvinda Cia. de Dança; é responsável pela Revista Ideias de Fresta – Edição bilíngue português - francês

2009 - Curadora e idealizadora, junto à Izabel Stewart, do Ciclo de Confluências-Ideias de Imagem, acontecido na Escola Guignard (UEMG), em Belo Horizonte;

2000 - Ensaio Fotográfico Benvinda cia de dança,
com Dudude e Silvana Lopes
(foto: Vinicius Reinaldi)



2004 - Maria de Lourdes em Triade
(foto: Guto Muniz)



2005 - Pedaço de Uma Lembrança
(foto: Acervo Pessoal)



2006 - Ensaio Fotográfico para o espetáculo
Na Planície, Logo Montanha, Aparece o Mar...
(foto: Adriana Moura)



2010 - Foi professora-criadora na Oficina Dança Contemporânea e Improvisação e Residência Artística, em Córdoba/Argentina, dentro do Projeto Demolicion-Constructicon/Apoio de Pluja; Concebe e dirige “Peça Teatral” (1999) / Projeto Cena Espetáculo do Galpão Cine Horto, em Belo Horizonte;

2010 - Gestora, curadora, proponente e proprietária do Atelier de Artista (CASA BRANCA/BRUMADINHO/MINAS GERAIS), espaço de promoção de ações de arte;

2011 - Cria e interpreta o solo “A Projetista”, com direção de Cristiane Paoli Quito; e é autora e organizadora do livro “Caderno de Notações - A Poética do Movimento no Espaço de Fora”;

2012 - Faz a concepção e direção de “Murundu”, para Companhia Meia Ponta, de Belo Horizonte; é curadora e produtora de evento em comemoração dos seus 40 anos de trajetória artística, quando são reapresentados “Um Solo Para uma Dança e um Violão”, “Às voltas com o Dançar”, “V A G A - Uma Experiência de Ocupação e a Performance”, “Vestidos para o Baile”; Lança seu livro “Caderno de Notações - A Escrita do Movimento no Espaço de Fora”, é responsável pela edição da revista Ideias de Imagem;

2016 - É criadora intérprete do solo “Sublime Travessia”; selecionada para o Palco Giratório SESC Nacional com o solo “A Projetista”;

2017 - Faz a concepção e direção de “Membrança”, com Heloisa Domingues;

2018 - Coreógrafa “Em algum lugar de Mundo”, para a SESC Companhia de Dança/Belo Horizonte, assim como o solo-performance “Entre a Pausa e o Silêncio... existe um Lugar”, com o violonista Renato Motha;

2019 - Assina a curadoria e produção da Mostra “Dudude - Trajetória Singular”, com apresentação das obras “Sublime Travessia”, “A Projetista” e “Maria de Lourdes em Tríade”; lança o livro “Ela sentou na Cadeira”, de sua autoria;

2019- 2021 - Idealiza junto a Fred Paulino e Thais Moll-Instituto Cabra, atuando como curadora do “Casa Branca FEST”, mostra com ênfase na reparação e restauração da qualidade do bem viver (ecologia humana) Casa Branca -Brumadinho e região;

2020-2023 - Curadora e produtora do Lab-Invento-Laboratório de Invenção, em Belo Horizonte;

2006 - Tanque - Uma Ópera Molhada, criação Dudude e Marco Paulo Rolla. (foto: Acervo pessoal)



2007 - Performance Rosas na Boca de Maria (foto: Guto Muniz)



2007 - Sem, um Colóquio sobre a falta, com Izabel Stewart e Dudude (foto: Guto Muniz)



2009 - A Improvisadora, Vou desmanchando e dançando enquanto danço (foto: Gil Grossi)



2022 - Coreógrafa de “A Marcha”, para os formandos do CEFART, Centro de Arte/ Dança/ Fundação Clovis Salgado, de Belo Horizonte;

2023 - Cria a obra “Você Sabia” para o Balé Teatro Castro Alves, em Salvador; Cria e interpreta: “Para Algum Lugar Que (Não) Sei” e “Realll”- com Heloisa Domingues, além da performance “Na Soleira, Rodopio e Silêncio”;

2024 - Idealizadora do “Dance up Dance” no CR DANÇA- Centro de Referência da Dança/ Teatro Marília (Belo Horizonte) e da Performance “Leitura possível de um romance”. Recebe o título de Doutora Notório Saber em Artes, atribuído pela EBA- Escola de Belas Artes/ UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte).

A Projetista, 2011. (Foto: Acervo Pessoal) >





Solo de uma dança e um Violão, com Dudude e Renato Motha (1998) Foto: Acervo pessoal



Sem, um colóquio sobre a falta (2007) Foto: Guto Muniz



Vaga- uma experiência de ocupação, com Dudude e Marco Paulo Rolla (2012) Foto: Lena Maia



Improvisação Foto: Sílvia Machado



Performance Rosas na Boca de Maria (2007) Foto: Guto Muniz



A Projetista (2011) Foto: Acervo Pessoal



Improvisação Foto: Sílvia Machado



Improvisação Foto: Sílvia Machado



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

A São Paulo Companhia de Dança se destaca pela sua versatilidade e inovação, desde sua criação em 2008, pelo Governo do Estado de São Paulo. Gerida pela Associação Pró-Dança, é dirigida por Inês Bogéa e codirigida por Milton Coatti. Reconhecida pela crítica como uma das mais prestigiadas companhias da América Latina, seu repertório abrange tanto criações exclusivas, quanto remontagens de grandes obras da dança mundial. Com apresentações que atravessam fronteiras, a Companhia leva sua arte a diversos públicos, tanto no Brasil, quanto no exterior. Já foi assistida por um público superior a 2 milhões de pessoas em 22 diferentes países, passando por cerca de 180 cidades em mais de 1.300 apresentações, acumulando mais de 50 prêmios e indicações nacionais e internacionais. Além disso, ações educativas e projetos voltados à preservação e difusão da memória da dança são parte essencial de sua missão, perpetuando esse legado cultural para as futuras gerações. São Paulo Companhia de Dança: excelência que inspira, movimento que transforma.

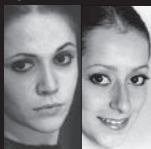
2008



2009



2011



2010



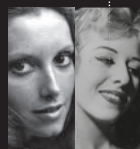
2012



2013



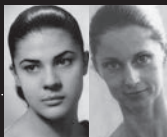
2015



2017



2020



2021



2016



2014



2022



2023



2024



Figuras da Dança

A série *Figuras da Dança* foi criada em 2008 pela São Paulo Companhia de Dança e constitui um dos mais amplos projetos audiovisuais de memória da dança no Brasil. Sua proposta é dar voz aos próprios protagonistas da cena, articulando depoimentos em primeira pessoa com imagens de arquivo, depoimentos de outros artistas e registros coreográficos, compondo um mosaico que funciona tanto como testemunho, quanto como escrita historiográfica em audiovisual. A série conta hoje com 44 episódios: Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Ady Addor (1935-2018), Marilena Ansaldo, Penha de Souza (1935-2020), Ruth Rachou, Luis Arrieta, Hulda Bittencourt, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Antonio Carlos Cardoso, Carlos Moraes (1936-2015), Décio Otero (1933-2025), Márcia Haydée, Sônia Mota, Ana Botafogo, Célia Gouvêa, Lia Robatto, Marilene Martins, Ismael Ivo, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers (1932-2019), J.C. Viola, Cecília Kerche, Eva Schul, Janice Vieira, Eliana Caminada, Mara Borba, Jair Moraes (1946-2016), Paulo Pederneiras, Nora Esteves, Maria Pia Finocchio, José Possi Neto, Aracy Evans, Tíndaro Silvano, Neyde Rossi, Gisèle Santoro (1939-2025), Ilara Lopes, Hugo Bianchi (1926-2022), Esmeralda Gazal, Carlos Demitre, Inaicyra Falcão, Clyde Morgan e Dudude Herrmann. Com idealização e direção de Inês Bogéa, contou, nos três primeiros anos, com a direção compartilhada de Antônio Carlos Rebesco (2008), Sérgio Roizenblit (2009) e Moira Toledo (2010) e depois de 2011, passou a ter direção integral de Inês.

A Projetista, 2011 (Foto: Guto Muniz) >





SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

EXPEDIENTE 2025

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

TARCÍSIO DE FREITAS

Governador do Estado

FELÍCIO RAMUTH

Vice-Governador

MARILIA MARTON

Secretária de Estado da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

MARCELO ASSIS

Secretário Executivo

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

Subsecretário de Gestão Corporativa

VICENZO CARONE

Chefe de Gabinete

JENIPHER QUEIROZ DE SOUZA

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

LIANA CROCCO

Diretora de Fomento à Cultura,
Economia e Indústrias Criativas

MARIANA DE SOUZA ROLIM

Diretora de Preservação do
Patrimônio Cultural

MARINA SEQUETTO PEREIRA

Chefe da Assessoria de Monitoramento
e Governança de Dados Culturais

ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE DANÇA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente | Rachel Coser

Vice-presidente | Maria do Carmo A.
Sodré Mineiro

Membros | Alexandra Olivares de De Viana,
Dilma Souza Campos, Eugênia Gorini Esmeraldo,
George "Benson" Acohamo, Gustavo Tachibana,
Jader Rosa, José Fernando Perez, Karen Ricci,
Luciano Cury, Luiz Deoclecio Massaro Galina,
Maria Cristina Frias, Mônica Orcioli, Priscilla
Zogbi, Ricardo Campos Caiuby Ariani, Rodolfo
Vilella Marino, Wilton de Souza Ormundo,
Yoshi Engracia Suzuki

CONSELHO FISCAL

Presidente | Eduarda Bueno

Membros | Sergio de Jesus,
João Gabriel Pennacchi

CONSELHO CONSULTIVO

Presidente | Flávia Regina de Souza Oliveira

Membros | Andrea Sandro Catabi, Adriana
Aroulho, Daniella Monteiro, Dolores Prades,
Eduardo Toledo Mesquita, Elisa Marsiaj Gomes,
Eric Alexander Klug, Fernando José de Almeida,
Flávia Kolchraiber, Gioconda Bordon, Iside
Mesquita, Jorj Petru Kalman, José de Oliveira
Costa, Ricardo Uchoa Alves Lima, Walter Appel

ASSOCIADOS

Membros | Alexandra Olivares de De Viana,
Ana Grisanti de Moura, Dilma Souza Campos,
Eduardo Toledo Mesquita, Elisa Marsiaj Gomes,
Eric Alexander Klug, Eugênia Gorini Esmeraldo,
Fernando José de Almeida, Gioconda Bordon,
Gustavo Tachibana, Henri Philippe Reichstul,
Inês Vieira Bogêa, Jader Rosa, Jorj Petru Kalman,
José de Oliveira Costa, José Fernando Perez,
Lygia da Veiga Pereira Carramaschi, Luca
Baldovino, Luciano Cury, Luiz Galina, Maria
do Carmo Abreu Sodré Mineiro, Rachel Coser,
Ricardo Campos Caiuby Ariani, Ricardo
Cavallieri Guimarães, Ricardo Uchoa Alves
Lima, Rodolfo Vilella Marino, Walter Appel

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO

Artística e Educacional | Inês Bogêa

Codireção Artística | Milton Coatti

Administrativa-Financeira | Pétrick Joseph
Janofsky Canonico Pontes

SUPERINTENDÊNCIA

De Produção | Luca Baldovino

Institucional e de Controladoria |

José Galba de Aquino

Financeiro | Gisele Regina da Silva

De Desenvolvimento

Institucional | Marcela Benvegna

ENSAIO

Professores Ensaiaidores | Aline Campos,
Bruno Veloso de Oliveira, Hebert Caetano,
José Perez, Julie Endo, Wallace Guimarães

Bailarinos | Alex Akapohi, Ana Roberta
Teixeira, Ariele Gomes Moura, Caio Henrique
dos Santos, Carolina Pegurelli, Clara Judith,
Douglas Michael Guimarães, Gabrielly Juvêncio,
Hellen Teixeira, Jean Linconi, João Lucas Alves
Oliveira, Joca Antunes, Julia Tereza, Júlia Bouer
Favaro, Layne Lins, Leticia Cola, Leticia Forattini,
Lucas Santos, Luiz Fernando da Silva, Marina
Ferrari, Marina Sachet, Mateus Rocha, Matheus
Queiroz, Nathalia Carmo, Nielson Souza, Pâmella
Rocha, Patrick Amaral, Pedro Henrique Kelly,
Poliana Souza, Thamiris Prata, Vinicius Lopes,
Wagner Macegoso, Yoshi Suzuki

Pianista | Rosemary Sandri Pavanelli

Assistente de Ensaio | Poliana Ferreira

PRODUÇÃO

Gerente | Antonio Magnoler

Gerente-Técnico | Luiz Antônio Dias

Produtor Executivo | André Souza

Produtora | Mariana Machado

Iluminador | Guilherme Soares

Iluminador Técnico | Pedro de Cristo

Técnico de Palco | Espedito Peixoto dos Santos

Técnico de Som | Alexandre Ciriaco Vianna

Camareira | Edmeia A. Evaristo dos Santos

MEMÓRIA

Gerente | Charles Lima

Técnicos de Audiovisual | Iari Davies,
Guilherme Herrera Falchi, Rafael Bianco Frydman,
Wagner da Silva Freitas

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

**Coordenadora de Comunicação
e Marketing** | Renata Faia

Analistas de Comunicação | Dani Aoki,
Jonathan Silveira de Araújo Santos,
Rafaela Eufrosino

Analista de Mídias Sociais | Bianca Franzosi

Assistente de Educativo | Roni Junior

Diagramador | Rafael Rojas

Aprendiz | Roberto Gustavo Souza de Jesus

ADMINISTRAÇÃO

Coordenador Administrativo-

Financeiro | Anderson Paulo de Brito

Coordenadora de Recursos

Humanos | Karen Ricci dos Santos

Coordenador de Compras | Carlos Soares

Coordenadora de Planejamento e

Monitoramento | Melinda Grienda Sliomina

Coordenador de Facilities | Jeferson de

Souza Dias

Assessor Executivo | Fernando Roberto

Bertuce Gonzalez

Analistas Administrativo-Financeiro |

Cristina Monteiro, Elisaine Vilefort, Jessica

Domingues Correa Felix, Sandro Almeida

da Silva, Vanessa Silva Alfeu

Analista Contábil | Eli Vivan Marin Vilefort

Arquitista | Priscilla Baptista Casas

Assistentes Executivas | Renata Arlani

Rodrigues, Roberta dos Santos Vieira,

Vanessa dos Santos Sampaio

Assistentes de Compras | Emerson Candido

da Silva, Francisco Osvaldo de Souza,

Samuel Lemos

Assistentes Administrativo-

Financeiro | Dulce Catani Cesar Holanda,

Edna Santana Bispo

Assistentes de Recursos Humanos |

Iara Rodrigues, Leandro Aparecido do Carmo

Encarregada de Limpeza | Neide dos

Santos Nery

Aprendizes | Caroline Aparecida dos Anjos,

Julia da Silva Oliveira

COLABORADORES

Consultorias Jurídicas | Bolonhini & Carvalho

Sociedade de Advogados, Spalding e Sertori

Advogados

Contratos Internacionais | Olivieri

Associados

Contabilidade | Quality Associados

Fisioterapia | Clínica Reactive

AGENTES INTERNACIONAIS

Meinrad Huber | Ecotopia Dance

Productions

Guy Darmet | Guyanema Promoções

Artísticas

Créditos do livroto

Projeto gráfico: Mayumi Okuyama | Diagramação: Rafael Rojas

Todos os esforços foram feitos para identificar a autoria das imagens deste livroto. Caso reconheça a autoria de quaisquer das imagens não creditadas, por favor, contate-nos pelo email: memoria@spcd.com.br.

< Dudude Herrmann (foto: Márcia Charnizon)

Dudude Herrmann (foto: Nando Fiuza)

Dudude Herrmann (foto: Guto Muniz)

[contracapa] Rosas na Boca de Maria, 2007 (Foto: Guto Muniz) >



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



FINALIZAÇÃO



InnSaei
PRODUTORA



PATROCÍNIO

APOIO

REALIZAÇÃO

**ASSOCIAÇÃO
PRÓ-DANÇA**
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

TUDO VIRA

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO